

# As surpresas no setor privado que comprovam a força do Brasil

Istvan Kasznar (\*)

A alta taxa da inflação brasileira tem provocado uma crescente onda de incerteza e desconfiança a respeito do futuro do País. As pessoas baseiam suas análises em informações calamitosas sobre o estado da economia, ante- vendo dias ainda piores.

Esta análise é parcial. Carece de força. Concentra-se no que há de fraco no País, esquecendo-se de seus pontos fortes.

Se isolarmos o problema do déficit público, como estará a economia brasileira? Estaremos aí estudando o setor privado. São 3,2 milhões de empresas em 1988, responsáveis por 60% das atividades produtivas, 96% da agricultura, 78% da indústria e 84% dos empregos. Essas organizações dobrariam seu capital, em função dos lucros declarados, em apenas sete anos!

Isto significa que a maior parte da economia brasileira está preparada a crescer. A dívida externa, pesada, está equacionada e a moratória já foi levantada. O governo deverá reorganizar-se, cortar as suas próprias despesas, criar receitas reais e ater-se a essas disponibilidades.

Ao adentrarmos a análise do setor privado, veremos que uma série de gratas surpresas comprovará a sua força econômica e a do Brasil. Senão vejamos:

- As exportações alcançaram neste ano o valor de US\$ 30 bilhões, um recorde. Apenas 9,6% do PIB brasileiro. Vejamos em pormenores.

- Até setembro, a indústria da fundição cresceu 9,5% neste ano. Motivo: as exportações evoluíram 39% em nove meses apenas.

- A indústria automobilística exportará neste ano US\$ 3 bilhões. A sua dependente direta, a indústria de autopeças, viceja com US\$ 2 bilhões previstos de exportações e crescimento setorial de 31% neste ano.

- A indústria de máquinas e equipamentos espera encerrar este ano com US\$ 2 bilhões em vendas ao estrangeiro, um crescimento de 40% sobre 1987.

- A indústria de papel e celulose exportará US\$ 650 milhões em 1988. Vale lembrar que em 1978 sequer exportava.

- A indústria de calçados permanece profundamente voltada ao exterior, exportando neste ano estimados US\$ 700 milhões.

- A indústria siderúrgica poderia expandir-se mais com a ampliação das vendas ao exterior, estimadas em US\$ 1,2 bilhão em 1988.

- A produção de cítricos — laranja e limão concentrados em suco — bate recordes. As exportações chegarão a US\$ 600 milhões e irrigarão o rico interior paulista, a segunda mais pujante economia do Brasil.

- Ao analisarmos a parte doméstica da economia brasileira, veremos que há setores que florescem fortemente também.

- A agricultura colherá safra recorde: 75 milhões de toneladas de grãos, que permitirão a recomposição dos estoques.

- O mercado imobiliário experimenta um "boom" intenso. Negociam-se apar-

tamentos, shopping centers, escritórios e apartamentos em loteamentos de alto padrão. Os investidores reativaram esse mercado. Saíram dos ativos financeiros para ativos reais, prestigiando o lado produtivo da economia. Neste ano, até setembro, a construção imobiliária cresceu 40% em São Paulo, capital. Evoluiu 28% reais no Rio de Janeiro.

- A produção de petróleo cresce. Em 1992 o Brasil será auto-suficiente em petróleo. Em 1988, supriremos internamente 65% das nossas necessidades, com 780 mil barris/dia. Vale lembrar que em 1975 o País amargava importações de 1 milhão de barris e mal produzia 15% das necessidades locais. Em torno da Petrobrás criou-se uma rede de fornecedores nacionais de peças e máquinas que promovem a extração petrolífera.

- O setor químico e petroquímico continua sendo beneficiado pela prioridade que lhe é dada pelo governo. Persiste-se na política de substituição de importa-

ções e atendimento do mercado interno. A produção brasileira de químicos e petroquímicos chegará à marca de 31 milhões de toneladas neste ano, com crescimento médio de 7% acima do ano passado.

- A nível mundial o Brasil está realizando um feito: é o sétimo produtor mundial de químicos e petroquímicos. Ultrapassou a Grã-Bretanha. O setor continuará crescendo firme, pois até 1995 estão previstos investimentos de US\$ 5,5 bilhões. Pelas previsões, neste ano o País será o quinto maior produtor de artigos químicos.

- A indústria de bebidas tem crescido à média de 8% ao ano. No ramo de "soft drink" e das cervejas a demanda permanece reprimida pela falta da capacidade de produção. Os investimentos esperados no setor até 1990 montam a US\$ 1,9 bilhão.

- A indústria têxtil conseguiu sair da crise ao modernizar-se e aumentar as exportações. Os pedidos crescem vagarosamente, no desaquecido mercado

interno. Eles superaram até setembro de 1988 em 8% igual período de 1987.

- O parque editorial e gráfico, especialmente no campo dos jornais, das revistas e dos livros e cadernos escolares, tem crescido. Estimam-se investimentos neste ano no setor de US\$ 350 milhões.

- A evidência de que as empresas brasileiras se adaptam à atual fase de incertezas da economia também transparece pelo seu nível de conglomeração e profissionalização. Criam-se empresas holdings. Em 1985 havia 310 grandes holdings registráveis no País. Em 1988 já são 850. O agente dessa dinâmica expansão é o capital privado nacional e estatal, que investiu em controladas e coligadas US\$ 92 bilhões em 1987.

- Finalmente, é evidente que o cético capital estrangeiro também acredita no País e novas ondas de inversões ocorrerão nos próximos anos. Uma prova dessa confiança está na conversão informal da dívida, que montará a aproximados US\$ 3,2 bilhões nes-

te ano. Some-se a conversão formal, de US\$ 1,5 bilhão, e notaremos que há interesse em fazer investimentos no País.

Novas oportunidades em indústrias modernas têm surgido, merecendo, todavia, maior apoio oficial e um autêntico planejamento industrial. Citamos a informática, a biotecnologia, os serviços de empreitada e as culturas agropecuárias sofisticadas como exemplos.

Por conseguinte, é evidente que o País possui ótimas oportunidades de negócios, dispõe de opções para crescer e persiste nessa vocação. Na média, o Brasil cresceu 2,7% reais ao longo dos anos 80. O setor privado, provavelmente, assumirá crescente papel como motor da economia.

(\*) Professor da Escola Brasileira de Administração Pública (EBAP), da Fundação Getúlio Vargas, e presidente da Comissão Técnica de Economia da Associação e do Sindicato dos Bancos do Estado do Rio de Janeiro.